



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

AURENICE MOURA DOS SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS SURDAS EM CARUARU-PE**

CARUARU

2024

AURENICE MOURA DOS SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS SURDAS EM CARUARU-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Alfabetização de
crianças surdas.

Orientador(a): Prof. Dr. Thiago Ramos de Albuquerque.

Coorientador(a): Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte.

CARUARU

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Aurenice Moura dos.

Desafios Enfrentados por Professores na Alfabetização de Crianças Surdas em Caruaru-PE / Aurenice Moura dos Santos. - Caruaru, 2024.

43p. : il.

Orientador(a): Thiago Ramos de Albuquerque

Cooorientador(a): Ana Maria Tavares Duarte

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Pedagogia - Licenciatura, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Surdez. 2. Alfabetização. 3. Libras. 4. Professores. 5. Educação. I. Albuquerque, Thiago Ramos de . (Orientação). II. Duarte, Ana Maria Tavares. (Cooorientação). IV. Título.

370 CDD (22.ed.)

AURENICE MOURA DOS SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES NA ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS SURDAS EM CARUARU-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE, na modalidade de
monografia, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Alfabetização de
crianças surdas.

Aprovado em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Ramos de Albuquerque (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte (Coorientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Ana Maria de Barros (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me Laerte Leonaldo Pereira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus e a minha família que esteve ao meu lado em todo percurso acadêmico e não soltou a minha mão.

AGRADECIMENTOS

- A Deus, por sua infinita misericórdia e a virgem Maria, por me cobrir com seu manto divino, me guiando e dando força.
- Aos meus pais Maria e Antônio, por todo incentivo, carinho, preocupação e compreensão da minha ausência em alguns momentos nesta caminhada acadêmica.
- As minhas irmãs Berenice e Aurenir, por todo apoio e também aos meus sobrinhos Marcelo e Mariah, que me acalentaram com abraços confortantes.
- Ao meu noivo Gilmar, que viveu tudo comigo me dando força e ajudando-me em tudo.
- Ao professor Thiago, pelo privilégio de ser sua orientanda, por toda paciência, compreensão e por todo conhecimento adquirido durante essa pesquisa.
- A professora Ana Duarte, por ser minha co-orientadora e por acreditar em mim.
- Aos professores Ana Barros e Laerte Leonaldo, por tê-los na minha banca examinadora.
- Ao intérprete de Libras Sérgio, por estar presente na minha defesa dando o suporte necessário e por toda ajuda para contactar os professores de Caruaru.
- Aos professores, que participaram da minha pesquisa contribuindo e agregando conhecimento.
- A minha dupla dinâmica Maria Vitória, que esteve comigo em todo percurso acadêmico, que chorou e sorriu junto comigo.
- A minha amiga Elifalety, que me deu todo suporte e tirou minhas dúvidas a qualquer hora do dia.
- A minha amiga Jéssica, que me ajudou com a formatação e também com conselhos que tanto precisei.
- A todas as pessoas que contribuíram com palavras, sorrisos e abraços em tantos momentos dessa trajetória acadêmica.

“Entregue suas obras aos cuidados de Javé, e seus projetos se realizarão” (BÍBLIA,
Provérbios 16,3).

RESUMO

No atual cenário educacional é importante a inserção da criança surda no espaço escolar, garantindo a inclusão de toda e qualquer pessoa de usufruir do direito à educação. Na presente pesquisa que tem a temática: Desafios enfrentados por professores na alfabetização de crianças surdas em Caruaru-PE, trazendo como problemática: Quais os desafios encontrados no cotidiano escolar do docente, no alfabetizar crianças surdas em Caruaru-PE? O objetivo geral é identificar os principais desafios do professor no processo de alfabetização de alunos surdos em Caruaru-PE, tendo como objetivos específicos: Identificar as abordagens utilizadas na alfabetização da língua portuguesa em crianças surdas; Apresentar a realidade do professor(a) em Caruaru-PE no processo de alfabetização de crianças surdas; Analisar possibilidades de minimizar os desafios encontrados na alfabetização de alunos surdos. Para o desenvolvimento da pesquisa a metodologia usada foi a abordagem qualitativa e o instrumento de coleta de dados um questionário. Para o aporte teórico, foi utilizado os seguintes autores: Strobel (2009), Gesuely e Moura (2006), Skliar e Perlin (2000) e um livro de um curso de alfabetização de surdos, Alfabetização na Surdez (2020), que discutem sobre a temática da educação de pessoas surdas. Dessa forma foi possível conhecer desde o histórico da surdez até a realidade na inserção de alunos surdos nas escolas públicas do município de Caruaru-PE. Concluindo que os objetivos foram alcançados encontrando alguns desafios enfrentados pelos professores no alfabetizar crianças surdas e a importância da Libras na alfabetização em língua Portuguesa de alunos surdos, contribuindo assim para pesquisas sobre educação inclusiva.

Palavras-chave: Surdez; Libras; Alfabetização.

ABSTRACT

In the current educational scenario, it is important to include deaf children in the school environment, ensuring the inclusion of each and every person to enjoy the right to education. In this research, which has the theme: Challenges faced by teachers in teaching deaf children to read and write in Caruaru-PE, the following issues are addressed: What are the challenges faced in the daily school life of teachers when teaching deaf children to read and write in Caruaru-PE? The general objective is to identify the main challenges faced by teachers in the literacy process of deaf students in Caruaru-PE, with the following specific objectives: Identify the approaches used in teaching Portuguese literacy to deaf children; Present the reality of the teacher in Caruaru-PE in the process of teaching deaf children to read and write; Analyze possibilities of minimizing the challenges encountered in teaching deaf students to read and write. To develop the research, the methodology used was the qualitative approach and the data collection instrument was a questionnaire. For the theoretical contribution, the following authors were used: Strobel (2009), Gesuely and Moura (2006), Skliar and Perlin (2000) and a book from a literacy course for the deaf, *Alfabetização na Surdez* (2020), which discuss the theme of education for deaf people. In this way, it was possible to learn about everything from the history of deafness to the reality of the inclusion of deaf students in public schools in the city of Caruaru-PE. Concluding that the objectives were achieved, finding some challenges faced by teachers in teaching deaf children to read and write and the importance of Libras in teaching deaf students to read and write in Portuguese, thus contributing to research on inclusive education.

Keywords: Deafness; Libras; Literacy.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CM	Configuração de mão
EEBS	Escola de Educação Bilíngue para Surdos
EFC	Expressão facial-corporal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
L1	Primeira Língua (Língua de Sinais)
L2	Segunda Língua (Língua Portuguesa)
M	Movimento
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	11
1.2	PROBLEMA DA PESQUISA.....	13
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
1.4	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO.....	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1	SURDEZ E SEU HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO.....	15
2.2	DIDÁTICA E METODOLOGIAS DE ENSINO DA LIBRAS.....	20
2.3	POSSÍVEIS DIFICULDADES DO PROFESSOR EM ALFABETIZAR ALUNOS SURDOS.....	24
3	METODOLOGIA.....	28
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICE.....	40
	ANEXO.....	41

1 INTRODUÇÃO

De início nesta pesquisa trago a contextualização para fazer uma breve introdução sobre a surdez, as legislações que asseguram os direitos das pessoas surdas e também o contexto educacional em que os alunos surdos estão inseridos. Em seguida o problema de pesquisa, suas justificativas e também os seus objetivos a serem alcançados e para finalizar a introdução venho detalhando como a estrutura do trabalho em si está escrita.

Minha motivação para realização desta pesquisa, partiu do fato que moro em uma cidade pequena que não tem tantos professores que dominam a Libras, por esse motivo surgiu o interesse de como os mesmos lidam com a integração de crianças surdas na sala de aula, surgindo assim esse trabalho no município de Caruaru-Pe, por não terem professores suficientes para a pesquisa onde resido.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Ao pensar na inserção da criança na escola para ser alfabetizada, observa-se metodologias pensadas para crianças ouvintes, a partir desse pensamento surgiu a curiosidade de como os professores fazem as adaptações no dia a dia para os alunos surdos. A teoria das quatro fases da Psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), sendo elas: Pré-silábica, Silábica, Silábico-alfabético, Alfabético. Neste processo de alfabetização podemos ter uma ótica diferente para crianças surdas, pois o som de cada letra deve ser instigado através de recursos visuais, gestuais entre outros, a criança não tem a mesma percepção auditiva dos ouvintes faz-se necessário o ensino ser passado de formas diferentes, pois a educação é um direito de todos.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) com o nº 13.146, efetivada em 6 de julho de 2015 assegura todos os direitos que pessoas com deficiência possuem. A educação inclusiva é uma questão crucial na sociedade contemporânea, por ter o objetivo de possibilitar oportunidades na educação estabelecendo a igualdade social, o art.27. traz que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Geralmente as crianças surdas são inseridas em escolas regulares que alfabetizam em Português, porém essa alfabetização necessitaria de início ser em Libras (Língua Brasileira de

Sinais) sendo a mesma a modalidade visual adequada e que supre as necessidades de comunicação do surdo, após esse processo daria continuidade através de intérpretes e tradutores em conjunto com os professores(as).

[...] a criança surda deve se constituir subjetivamente através da Libras, para posteriormente atribuir o valor social do português escrito, sendo que o ensino da L2 “deve ser compreendido a partir de práticas culturais contextualizadas e não como a língua do outro que oprime sua subjetividade e suprime as diferenças entre surdos e ouvintes” (Lage et al, 2020, p. 90).

No entanto, esse ideal nem sempre é vivenciado por ambas as partes, seja por parte do aluno surdo e do professor, estando a dispor dos recursos oferecidos por cada instituição de ensino, mesmo que tenha o interesse do professor em modificar isto. O que de fato é direito, como podemos afirmar no art. 28. da Lei 13.146:

IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas;
XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação;
XVII - oferta de profissionais de apoio escolar;

É imprescindível destacar a Lei nº 10.436/02 que reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, a mesma foi sancionada em 24 de abril de 2002, trazendo notoriedade e liberdade para pessoas surdas, a mesma conta com artigos que asseguram direitos às mesmas.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Juntamente com o Decreto 5.626/05, de 22 de dezembro de 2005. que regulamenta a Lei nº 10.436/02, tornando-se um marco histórico de conquistas adquirida pela luta de pessoas surdas, garantindo a obrigatoriedade de tradução no âmbito social e também no âmbito educacional onde as pessoas surdas estão inseridas.

A alfabetização de crianças surdas representa um dos desafios mais importantes nesse contexto, trazendo à tona os desafios que os professores enfrentam nas salas de aula tendo como hipótese: A falta de domínio da Libras por parte dos professores impacta negativamente a alfabetização de crianças surdas, ocasionando a dificuldade em integrar e incluir a criança, intervir de modo correto, entre outras dificuldades enfrentadas pelo docente alfabetizador, como também os impactos que trazem para o aluno surdo que passa por todo esse processo, muitas vezes sem compreender o que está sendo “ensinado” a ele.

Há necessidade da junção entre integração e inclusão, ‘integração’ corresponde a inserir o aluno que já foi excluído anteriormente, enquanto que, a ‘inclusão’ têm objetivos opostos, é não deixar ninguém de fora do ensino regular, desde o início da vida escolar” (Mantoan, 2006, p. 19)

No ambiente de trabalho do docente é necessário ter um olhar global sobre o todo e não só na perspectiva metodológica naquele professor(a), tendo em vista que o processo de inclusão não depende exclusivamente do mesmo(a), no entanto não tira a parcela de intervir dentro da sala de aula, buscando adaptações que possam ser utilizadas no dia a dia no ambiente escolar, estando no art. 28. da Lei 13.146:

VI - pesquisas voltadas para o desenvolvimento de novos métodos e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de tecnologia assistiva;
X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado;
XI - formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio;

Pode-se verificar também no art. 28 da lei 13.146. que os alunos têm o direito de ter esses profissionais a disposição na escola, como também o uso de tecnologias que possibilitam o seu desenvolvimento no seu processo de alfabetização, podendo assim agregar e incluir essas crianças surdas, possibilitando uma fácil compreensão e alfabetização.

Em Caruaru-PE a população atual é de 378.048 pessoas de acordo os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o censo de 2022, aplicando a estimativa de 5% para pessoas surdas, calculamos aproximadamente 18.900 pessoas surdas. Com esses números alarmantes podemos ver o quanto é importante haver suporte educacional para todos, fazendo com que as leis que dão suporte para os mesmos sejam efetivadas.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

No entanto, nas escolas regulares os professores frequentemente se deparam com obstáculos significativos ao tentar alfabetizar crianças surdas, levantando questões sobre

como melhorar esse processo e garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade. Neste sentido trago como questão problema de pesquisa: Quais os desafios encontrados no cotidiano escolar do docente, no alfabetizar crianças surdas em Caruaru-PE?

1.3 JUSTIFICATIVA

A alfabetização desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de crianças surdas e em sua capacidade de participar plenamente na sociedade. É imperativo abordar os desafios enfrentados pelos professores para garantir que todas as crianças surdas tenham a oportunidade de serem alfabetizadas, tendo em vista que a Libras é a primeira língua (L1) que o aluno aprenderá, o português deverá ser sua segunda língua (L2), já que o encontrará em seu cotidiano sendo assim de suma importância que possuam a habilidade de leitura e escrita da mesma.

Com o olhar voltado para os impactos na vida das crianças surdas no momento de sua alfabetização é notório que sendo ela a base do desenvolvimento é necessário que seja alcançado o esperado, pois os problemas enfrentados no percurso pode refletir no “amanhã” naquela criança na sociedade, despertando dificuldades no dia a dia, seja no ensino superior ou até mesmo em funções operadas em um futuro trabalho.

1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

Este trabalho tem como objetivo geral identificar os principais desafios do professor no processo de alfabetização de alunos surdos em Caruaru-PE. Os objetivos específicos incluem identificar as abordagens utilizadas na alfabetização da língua portuguesa em crianças surdas; apresentar a realidade do professor(a) em Caruaru-PE no processo de alfabetização de crianças surdas; e analisar possibilidades de minimizar os desafios encontrados na alfabetização de alunos surdos.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este TCC está organizado em cinco seções principais. Na segunda seção, exploraremos a literatura existente sobre a alfabetização de crianças surdas e os desafios enfrentados pelos professores. Na terceira seção, detalharemos a metodologia utilizada em nossa pesquisa. A quarta seção apresentará os resultados da pesquisa e suas análises. Por fim, na quinta seção, concluiremos o trabalho, destacando descobertas significativas e possíveis direções para futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No decorrer da fundamentação teórica trarei de início na seção 2.1 Surdez e seu Histórico na Educação, onde foi detalhado as causas e particularidades do surdo e também sua inserção na educação de forma cronológica, Já no 2.2 Didática e Metodologias de Ensino da Libras, nesta categoria trago a importância de intérprete em sala e algumas possibilidades metodológicas para serem empregadas no cotidiano escolar. E no 2.3 Possíveis dificuldades do professor em alfabetizar alunos surdos, nesta categoria destaco possibilidades de ensino e também o que afeta esse ensino e aprendizagem ser efetivado de forma precisa e necessária para alfabetização de crianças surdas.

2.1 SURDEZ E SEU HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO

A surdez no indivíduo pode acontecer por diversas causas e também em tempo cronológico distinto, pode ser causado por fator genético, doenças como: rubéola, meningite, caxumba entre tantas outras e também por perda da audição devido a algum acidente ou condição neurossensorial (danos no ouvido interno ou então no nervo que liga o ouvido direto ao cérebro). O tempo cronológico pode variar de indivíduo para indivíduo, podendo assim nascer surdo, ir perdendo a audição gradativamente ou definitivamente, esse tempo diz muito sobre a inconsistência da vida seja no início dela ou ao passar dos anos.

Deficientes auditivos são pessoas que perderam 40% ou mais de sua audição, mas que conseguem ouvir distintos barulhos ou ruídos. Já o surdo não ouve nada ou é limitado usando determinados aparelhos auditivos, para que assim auxiliem no seu dia a dia na sociedade, podendo ouvir barulhos de carros, ruídos, buzinas e etc. A surdez muitas vezes não está sozinha podendo ter outras classificações e especificidades de indivíduo para indivíduo, como: surdo-cego e surdo autista.

Aproximadamente 95% dos pais de crianças surdas são ouvintes, o que pode impactar significativamente a forma como a surdez é vivenciada e abordada no ambiente familiar, os bebês surdos necessitam de atenção para iniciar uma interação/comunicação para com os familiares, por serem seu primeiro contato é primordial que nessa fase de aprendizado os adultos usem táticas que consigam prender o olhar da criança, já que sua compreensão de como se expressar acontecerá através de “imitação” daquilo que é visto, assim como toda criança ouvinte reproduz aquilo que ouve.

No entanto quando se é uma criança surda-cega a habilidade que deve ser desenvolvida é o tato, sua comunicação irá ser desenvolvida pegando objetos e tendo uma interação com eles, assim o adulto trás forma para objetos que estão no pensamento da criança, mostrando como é capaz conhecer o mundo através das mãos.

Muitas vezes uma criança surda-autista pode demorar um pouco mais para ser diagnosticada pois o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se trata de diferentes graus, consequentemente diferentes aspectos que variam de criança para criança, podendo ser confundida a falta de interação e fala por ser uma criança surda, portanto faz-se necessário a atenção e busca de ajuda profissional para que a mesma consiga se desenvolver o mais rápido possível.

Estes sub-grupos estão interligados a cultura surda onde a mesma conquistou seu espaço dentro da sociedade através da LS (língua de sinais), leis, legendas, artefatos culturais visuais e táteis, representatividade nos movimentos sociais, intérpretes de Libras em diferentes ambientes públicos, como: shows, palestras, teatros entre tantas outras conquistas do movimento surdo que fazem com que a cultura surda exista nos dias atuais.

A língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda. Desta forma, o uso de sinais pelos Surdos ultrapassa os objetivos de uma simples comunicação, constituindo-se no meio pelo qual se expressam as subjetividades e as identidades desses indivíduos. (Castro, 2015, p.16)

A cultura dos surdos foi se aperfeiçoando com o passar dos anos graças às conquistas adquiridas por pessoas surdas que lutaram para terem seu lugar na sociedade como todo e qualquer ser humano, pessoas estas não se deixaram estagnar no lugar em que estavam e enxergaram possibilidades de melhorias que fizeram diferença na história, uns dos exemplos são:

1932 O escultor surdo, Antônio Pitanga, pernambucano, formado pela escola de Belas Artes, foi vencedor dos prêmios: Medalha de prata (escultura Menino sorrindo), Medalha de ouro (Escultura Ícaro) e o prêmio viagem à Europa (com a escultura Paraguassú).

1951 Um surdo, Vicente de Paulo Penido Burnier foi ordenado como padre no dia 22 de setembro. Ele esperou durante 3 anos uma liberação do Papa da Lei Direito Canônico que na época proibia surdo de se tornar padre. (Strobel, 2009, p.27)

Através desses exemplos é notório o quão importante é a história da construção da surdez em diversos aspectos na sociedade, seja ela na família, no trabalho, na escola, no lazer e etc. Por anos os surdos não eram aceitos nem pelas próprias famílias, por virem de uma cultura que o “diferente” não é dito “normal”, que as diferenças devem ser aperfeiçoadas e treinadas para atingirem a “normalidade” que se espera.

Então quando falado dentro do ambiente escolar não será diferente, a surdez irá ter suas características próprias de cada aluno, sendo assim cada qual tendo suas particularidades como qualquer outro aluno, por esse motivo o espaço escolar e os profissionais que compõem devem estar preparados para receber os alunos surdos. Para que esses alunos conseguissem entrar em uma escola inclusiva no Brasil foi necessário um grande processo histórico.

1857- Foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos”, hoje, “Instituto Nacional de Educação de Surdos” – INES, criada pela Lei nº 939 (ou 839?) no dia 26 de setembro. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). (Strobel, 2009, p.24)

1957- Por decreto imperial, Lei nº 3.198, de 6 de julho, o “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” passou a chamar-se “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” – INES. Nesta época a Ana Rímola de Faria Daoria assumiu a direção do INES com a assessoria da professora Alpi Couto, proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, mesmo com a proibição os alunos surdos continuaram usar a língua de sinais nos corredores e nos pátios da escola. (Strobel, 2009, p.27)

A história da educação dos surdos no Brasil perpassou por avanços e também retrocessos, sendo um processo de extrema importância para a educação onde a Libras chegou em 1857 e foi se aperfeiçoando, hoje, sendo a primeira língua usada por surdos. Porém, houve uma grande luta para que isso acontecesse, pois em meio a essa transição de educação do português para a Libras a anos atrás os alunos foram proibidos de se comunicar por sinais e também através de gestos, nos mostrando o quão difícil foi o início do processo educacional.

Neste contexto histórico é notório a participação e voz de pessoas surdas que conseguiram ser alfabetizados contribuindo, agregando e também aperfeiçoando materiais que auxiliaram a educação surda, sendo uma delas em 1875- “Um ex-aluno do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil”. (Strobel, 2009, p.26).

Com o passar dos anos outras conquistas foram alcançadas: nos cinemas em 1986, Estreou o filme “Filhos do Silêncio”, na qual pela primeira vez uma atriz surda, a Marlee Matlin, conquistou o Oscar de melhor atriz em Estados Unidos, no esporte em 1994, foi fundada a CBDS, Confederação Brasileira de Desportos de Surdos, em São Paulo- Brasil, na televisão em 1997, Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciado pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo, o Jornal Nacional, em mês de setembro, nas revistas em 1999, foi lançada a primeira revista da FENEIS, com capa ilustrativa do desenhista surdo Silas Queirós, só em 2006 iniciou Letras/Libras com 9 polos e depois aumentou para 15 polos em 2008. É impressionante como ainda é recente o ensino superior de

Libras, geralmente o mais comum que se pode encontrar são cursos de Libras, mas tudo é um avanço que vai aumentando e ganhando visibilidade cada vez mais.

Ainda nos dias atuais é discutida sobre o ensino bilíngue pois, aconteceu o Congresso Internacional de Educadores Surdos, em Milão – Itália em 1880, onde o método oral foi votado o mais adequado, “...esse retrocesso só foi rompido em 1960, quando William Stokoe comprovou, por meio de suas pesquisas, que a língua de sinais tem uma estrutura gramatical totalmente distinta das línguas orais” (Silva¹, Mencato², Silva³, p.3¹) foi então que o bilinguismo surgiu trazendo consigo a proposta da LS como primeira língua, sendo ela espacial visual e tendo como principal meio de comunicação.

A primeira escola bilíngue para surdos no Brasil só foi inaugurada em 1997, a Escola de Educação Bilíngue para Surdos (EEBS), no município de São Paulo. Esta escola foi pioneira na implementação do modelo bilíngue no Brasil, promovendo o ensino de Língua de Sinais e Português de forma integrada, visando a inclusão e a educação de qualidade para alunos surdos.

Através dos destaques acima podemos ver que a estratégia do bilinguismo nada mais é que uma das formas de independência do surdo, sendo assim assegurado seu direito ao uso de LS sendo ela sua língua materna e também o conhecimento gramatical de uma segunda língua, para assim auxiliar no dia a dia de qualquer pessoa surda.

É costume identificar a “língua materna” como a primeira língua, e nisto a língua falada pela mãe, fazendo aí a suposição de poder haver uma outra, a estrangeira, segunda; e também com a língua nacional, implicando desta forma uma identificação do falante através da língua que sustenta a unificação subentendida no conceito de nação. (Leite, 1995, p. 65)

No entanto, a maioria dos lares dessas crianças surdas, os pais são ouvintes então a “língua materna” consequentemente é a Língua Portuguesa, sendo imprescindível que os pais busquem o domínio da Libras para que o ensino bilíngue seja efetivado desde o lar, para que assim o surdo possa comunicar-se com independência através da LS, juntamente com o português sempre que necessário, seja: escrever, ler uma fachada, utilizar tecnologia (celular, computador) e etc, isso quando não se tem o uso de sinais em determinados ambientes.

Além desse método de ensino para alunos surdos, existem diversos outros, o esperado é que o professor consiga compreender as necessidades do aluno fazendo com que o mesmo sinta-se acolhido e que realmente faça parte daquela sala de aula, havendo assim uma troca de

1 Bilinguismo: Uma Proposta de Ensino para Surdos, 2021.

saberes entre o docente e discente, pois a educação não é realizada sozinha/isolada e sim através de um conjunto de pessoas que se fazem presentes com diferentes pontos de vista.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (Freire, 2005, p. 231).

O caminhar de um professor é árduo e contínuo sendo sempre necessário especializar-se, buscar alternativas, métodos que possam melhorar o ensino/aprendizagem de todos os alunos, visto que cada qual tem suas especificidades e que o tempo pode ser curto para atender a todos da maneira ideal e esperada, porém o olhar humano que o docente possui ultrapassa aquilo que pode ser visto, é colocar-se no lugar do outro e fazer a diferença na vida daquela criança que espera o “mínimo” quando é inserida em um espaço dito escola onde não conhece ninguém.

Quando se é um aluno surdo seja surdo-cego, surdo-autista torna-se algo difícil pois na maioria das vezes não se tem professores preparados para recebê-lo ou então intérprete de Libras disponível, mesmo que seja dita por a Lei 13.146 a garantia desses direitos. Pode-se ver o quão necessário foi a luta durante anos para que o aluno surdo fosse inserido na escola e para que a Libras fosse de fato aceita com sua primeira língua, no entanto acredita-se agora que o professor é que deva perpetuar essa luta tão importante e necessária para a educação inclusiva.

A Inclusão busca a inserção dos educandos de uma forma mais radical, completa e sistemática na vida social e educativa. Como a escola não objetiva excluir ninguém do sistema escolar, ela terá de se adaptar e/ou se reestruturar para atender as particularidades de todos os alunos, desde o começo de sua escolarização (Mantoan, 1998).

Esta citação traz a alusão da importância do professor se especializar, buscar novos conhecimentos e estratégias para o ensino inclusivo, visto que a demanda é grande em contrapartida com pouquíssimos profissionais formados em Libras se comparado com qualquer outra disciplina de educação no Brasil. É nítido que para melhorar a educação inclusiva faz-se necessário o interesse de docentes por essa categoria de extrema necessidade.

Através das políticas públicas foi possível a inserção desses alunos surdos nas escolas públicas, já que é um direito que todo e qualquer aluno tenha acesso a educação, esse tipo de escola recebe esses alunos surdos fazendo adaptações metodológicas no dia a dia escolar para contemplar a todos sejam ouvintes ou surdos. Podemos definir uma escola inclusiva:

[...] Chama-se escola inclusiva, ao contexto educacional que garante esse processo a cada um de seus alunos, reconhecendo a diversidade que constitui seu alunado,

respeitando essa diversidade e respondendo a cada um, de acordo, com suas peculiaridades e necessidades (BRASIL, 2000, p.42).

Em contrapartida podemos ver a diferença de como uma escola regular trabalha no seu dia a dia e como um aluno surdo seria inserido dentro daquele contexto escolar que não foi construído especificamente para receber esses alunos. De acordo com Mantoan:

A escola regular é a escola de todos, de cada um, na qual as diferenças são acolhidas e respeitadas, sem que haja discriminação de qualquer tipo. Ela deve estar preparada para educar todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais, emocionais, sociais ou culturais. (Mantoan, 2006, p. 27)

De acordo com as essas definições que o corpo do texto trás sobre a escola regular, escola inclusiva e escola bilíngue podemos identificar as diferenças e possibilidades de ensino entre elas: Escola Bilíngue trabalha a língua materna (L1) do surdo e também o conhecimento gramatical da língua portuguesa (L2), Escola Inclusiva está preparada para receber aquele aluno surdo ou com qualquer outro tipo de deficiência, e a Escola Regular é uma escola comum que recebe todo e qualquer aluno, mas que não está preparada estruturalmente e academicamente para recepção desses alunos, mas que fazem adaptações possíveis na sala de aula.

Então é nítido que cada qual busca formas de ensino e aprendizagem a partir da inserção do aluno surdo no espaço escolar, não tendo assim um tipo de escola “correta” para os surdos, pois reflete na realidade as possibilidades daquele aluno e também da família em que se está inserido, podendo ser o único tipo de escola viável para aquela criança.

2.2 DIDÁTICA E METODOLOGIAS DE ENSINO DA LIBRAS

Um professor alfabetizador em seu dia a dia vai encarar diversas situações por uma sala de aula ter diferentes alunos, com diferentes especificidades e que devem ter seu espaço garantido naquela escola. Então, o ambiente escolar deve estar preparado para receber alunos com necessidades especiais, respeitando a particularidade de cada um deles. Uma das possibilidades é a Pedagogia Surda, que traz à tona a visibilidade da diferença em conjunto com a cultura de cada indivíduo.

Fundamentar a educação de surdos nesta teorização cultural contemporânea sobre a identidade e a diferença parece ser o caminho hoje. [...] A modalidade da ‘diferença’ se fundamenta na subjetivação cultural. Ele surge no momento que os surdos atingem sua identidade, através da diferença cultural, surge no espaço pós-colonial. Neste espaço não mais há a sujeição ao que é do ouvinte, não ocorre mais a hibridação, ocorre a aprendizagem nativa própria do surdo. (Perlin e Ströbel, 2008, p. 19).

É necessário compreender as características do surdo e como tudo isso transformasse na cultura propriamente do mesmo, então a educação deve ser voltada para aquilo que é de conhecimento e fácil entendimento do aluno surdo, trazendo a sua realidade nos conteúdos que são passados para toda a turma tornando assim familiar e instigando a curiosidade do aluno de aprender. Por esse motivo é imprescindível olhar para além do acadêmico, ter uma ótica humana que enxergue os desafios de compreensão do aluno para que torne a aprendizagem algo leve.

A adoção de uma pedagogia que considere as diferenças e leve em conta a realidade brasileira de diversidade e pluralismo, faz-se, portanto, necessária, dado que vivemos num mundo complexo e em constante transformação, mas que vem sendo construído a partir de lógicas e saberes legítimos pautados num discurso hegemônico que nos faz ver primitivismos, particularidades, inferioridades, ignorância e improdutividade. (Colacique e Amaral, 2020, p.11)

Não se pode esquecer a importância de profissionais de apoio nas salas de aula, no entanto quando a ótica está focada na realidade das escolas brasileiras é nítido a escassez desses profissionais que vem acontecendo por vários motivos sejam eles: pelo capital, por falta de imposição e informação dos responsáveis, por falta de execução das políticas públicas naquela cidade entre tantos outros “motivos”, ocasionando assim a falta dos direitos assegurados por lei para aquelas crianças. Por isso, a busca de informação é primordial para que nenhuma criança deixe de ser inserida na escola e que nenhuma criança cresça sem usufruir do direito à educação, sendo ela nº 13.146.

Quando pensado em crianças surdas vejo que a dificuldade de encontrar um intérprete de Libras se torna ainda mais complicado, acredita-se que esse fato acontece porque a cultura brasileira tem um olhar muito externo do país, sendo assim a população procura se especializar em Inglês que é uma língua usada no exterior e a Libras que é uma Língua Brasileira fica em segundo plano, mesmo que ela seja oficialmente a segunda língua do Brasil. Podemos definir como o profissional tradutor/intérprete de Libras:

O profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais). Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação (por exemplo, a área da educação). (BRASIL, 2004, p.27-28)

Mesmo sendo importante que o docente busque uma especialização em várias áreas da educação, é de extrema necessidade que tenha um intérprete em sala com o aluno surdo mesmo que o professor(a) domine certo conhecimento da Libras, pois, o mesmo é quem alfabetiza os alunos, no entanto não é indicado que o professor medie sua aula em duas línguas ao mesmo tempo, o sobrecarregando e fazendo com que o rendimento educacional seja parcial de ambas as partes.

Isto não ausenta a necessidade do docente saber o básico para interagir com o discente, fazendo assim uma integração com o mesmo, sabendo que: na Libras os sinais são formados a partir de cinco parâmetros: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial-corporal (EFC), visto isso faz-se necessário que o mesmo tenha esse mínimo de compreensão para que possa comunicar-se diretamente com o aluno e não só através do intérprete.

A LIBRAS, para os surdos, assim como o português falado, para os ouvintes, fornecerá todo o aparato lingüístico-cognitivo necessário à utilização de estratégias de interpretação e produção de textos escritos: ativação de esquemas e conseqüente criação de expectativas, inferências, configuração de hipóteses; contextualização e explicações metalingüísticas das estruturas lingüísticas do texto, principalmente daquelas específicas da língua portuguesa, de difícil apreensão pelo surdo. (ALFABETIZAÇÃO NA SURDEZ, 2020, p.55)

Vale ressaltar que a forma como a língua portuguesa é escrita exige pontuação, acentuação, ortografia, morfologia, sintaxe e semântica, já a Libras é bem diferente onde os cinco parâmetros são essenciais para uma execução dos sinais corretamente. Podemos ver neste quadro abaixo os 79 modelos de CM, indicado por Stock (2018, p. 16);

Figura 01 - Modelo de CM



Fonte: Stock (2018, p. 16)

Desta forma a familiaridade com os sinais no cotidiano dos alunos é muito importante tanto para o aluno surdo sentir-se incluído, como também os alunos ouvintes aprenderem a se comunicar desde cedo em Libras, portanto essa troca de conhecimentos linguísticos pode ser através de imagens do alfabeto e também dos números em Libras, contendo outras diversas formas de experiência visual do surdo.

[...] certos aspectos precisam ficar muito claros quando se pensa a alfabetização de surdos em língua portuguesa. Em primeiro lugar, professores, educadores e alfabetizadores precisam ter a clareza de que a língua portuguesa não é a língua de referência para a construção do conhecimento de mundo e de organização do pensamento do aluno surdo, mas sim a Libras. Entender e aceitar esse fato é princípio básico, pois essa é uma diferença radical entre o aluno surdo e o aluno não surdo, que acarreta implicações profundas no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa.” (Freitas, 2020, p.8)

É importante o docente elaborar uma sequência didática com adaptações nas atividades e provas do cotidiano escolar, já que o aluno será alfabetizado em Português através da Libras, então, se tudo ao seu redor for adequado para sua língua cotidiana o aprendizado será constante. Sabendo que o papel do intérprete de Libras é passar aquilo que o professor estiver lecionando é de responsabilidade do docente em adaptar provas e atividades para que o aluno sinta-se familiarizado.

A língua escrita pode ser plenamente adquirida pelos surdos se a metodologia empregada não enfatizar a relação letra-som como pré-requisito, mas recorrer,

principalmente, a estratégias visuais, prioritariamente pautadas na língua de sinais, similares metodologicamente àquelas utilizadas usualmente no ensino de segunda língua para ouvintes. (Fernandes, 2006, p. 132)

Como Almeida nos diz: “O ensino de leitura e escrita para alunos surdos deve ser pautado na aquisição significativa de letramento como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita de acordo com contextos e objetivos específicos”. (Almeida et al, 2015, p.37). Uma das possibilidades de inclusão em sala é a tecnologia assistiva² onde os professores podem utilizar no seu dia a dia, “prendendo” a atenção das crianças surdas e também ouvintes já que na fase da alfabetização elas são geralmente muito dispersas, outra vantagem é que o aluno surdo acaba se desprendendo um pouco do intérprete, dando assim mais autonomia para o mesmo. Através dessa possibilidade o alfabeto e os números podem ser trazidos de diversas formas e cores, instigando o conhecimento através do olhar, para depois vir o decodificar.

Outras estratégias são as adaptações de jogos com imagens comuns ou na própria libras, o ditado onde o professor vai ditando para os ouvintes, o aluno surdo pode receber uma folha com imagens dos sinais em libras para assim escrever em português, trazer histórias em quadrinhos pois geralmente as imagens do mesmo traduz o que se passa na história e acaba facilitando e instigando o aluno a ler o que está escrito, confecção de maquete, fotos da família ou do cotidiano das pessoas, matérias de jornal, entre tantas outras possibilidades de aprendizagem visual.

[...] processo de letramento em que a criança faz intenso uso da imagem na produção do texto, com indícios da aprendizagem da escrita do português que se apresenta pela produção de palavras que são do domínio da criança. A utilização de imagens e de um software que dispõe de diversos recursos visuais (personagens, cenários, etc.) insere-se no que estamos considerando como letramento visual. São imagens que se transformam em textos, ou seja, que não somente transmitem mensagens, mas que estão inseridas e significam as práticas sociais e discursivas desses alunos [...] O aspecto visual da leitura-escrita é um fator facilitador no processo de aquisição do português como segunda língua. No caso do ouvinte, o desenho é sempre visto como uma etapa a ser superada no decorrer do processo, no caso do surdo ele sempre estará presente. Não se trata de uma metodologia fundada na imagem, mas de tomar a imagem também como constitutiva do processo (Gesuely e Moura, 2006, p. 120).

Visto isto é indispensável o uso de imagens no alfabetizar crianças surdas, sendo ela um dos pontos mais importantes nesse processo, fazendo com que haja uma interação e reconhecimento das imagens realizando ligação entre palavras e objetos, tendo em vista que a linguagem do surdo é espacial.

2 Tecnologia assistiva- TA é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão. (BERSCH & TONOLLI, 2006)

2.3 POSSÍVEIS DIFICULDADES DO PROFESSOR EM ALFABETIZAR ALUNOS SURDOS

De acordo com o decreto nº 5. 626 de 2005, o mesmo assinala que a educação de surdos no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua. Neste viés de pensamento a educação bilíngue modifica várias dimensões na escola.

A uma escola que adota o Bilinguismo como base de ensino dos surdos mediante a Educação bilíngue envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional. As diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola. Isso vai depender de “como”, “onde”, “quando” e “de que forma” as crianças utilizam (Quadros, 2006, p. 18).

Uma das dificuldades de professores em utilizar os métodos do bilinguismo é que por vezes o aluno chega à escola sem ter o contato com a Libras, ou seja, em casa era utilizado uma comunicação através de mímica ou gesto, então a alfabetização em português será conseqüentemente tardia ao se comparar com uma criança que já tem contato com L1 desde sua casa, por isso é importante que os pais aprendam Libras para comunicar-se com seus filhos e também auxiliarem em sua alfabetização na L2.

A formação do professor alfabetizador é traçada através de várias possíveis situações que podem ser encontradas em sala de aula, porém como é muito abrangente o mesmo só tem o real conhecimento no dia a dia com as especificidades dos alunos, então os transtornos e as deficiências de cada qual precisará de atenção e conhecimento partindo do professor, nesses casos é de extrema necessidade o interesse e se possível uma especialização na área.

No entanto, só conhecimento do docente não é suficiente para que o aluno tenha uma boa aprendizagem e interação no espaço escolar, o mesmo necessita estar apto para recebê-lo, desde estrutura, como também acesso a tudo em que a escola disponibiliza. O percentual de alunos autistas é bem maior que alunos surdos, mas isso não ausenta o enfoque das necessidades de cada um.

Contudo podemos ver que alunos surdos geralmente são colocados de “lado” e acabam sendo “empurrados” ano após ano mesmo que não estejam de fato alfabetizados, isso pode acontecer devido um conjunto de fatores internos e externos, podemos elencar algumas

dessas possíveis situações que contribuem para essa dificuldade em manter o aluno assegurado na escola e conseguir alfabetizá-lo de fato. No alfabetizar uma criança surda em língua portuguesa usando a libras existem alguns paradigmas, um deles é a forma de ensinar o português escrito.

No caso do surdo brasileiro, o problema que se coloca é o seguinte: pelo fato de ser surdo, ele não adquire a língua oral, ou seja, o português falado de forma espontânea e, assim, seu desempenho nessa modalidade da língua portuguesa é, em geral, extremamente precário. Como as metodologias de ensino/aprendizagem da escrita, no Brasil, fazem apelo, na maioria dos casos, ao aspecto fônico da língua para ensinar as letras do alfabeto gráfico, e as palavras, geralmente, são apresentadas descontextualizadas e sem ênfase no significado, o desempenho do surdo em português escrito, que poderia ser excelente, acaba sendo precário ou quase nulo. (ALFABETIZAÇÃO NA SURDEZ, 2020, p.53)

Visto isso é indispensável as adaptações realizadas no cotidiano escolar, buscando sempre formas metodológicas que atendam as necessidades do aluno surdo trazendo elementos visuais que induzam a escrita, já que a Libras é uma língua espaço-visual é importante o estímulo aquilo que não é encontrado na L1.

Cabe então ao professor utilizar-se de estratégias, tais como a comparação entre as duas línguas, para ensinar a estrutura correta em português ou explicações sobre a estrutura das sentenças da língua portuguesa mediante o uso metalingüístico da LIBRAS. Diante do exposto, seria válido concluir que a utilização de uma língua de sinais, no processo de aquisição de escrita, induzir ao erro, devido ao fato de a primeira possuir algumas estruturas distintas de equivalentes em português? Esta interferência pode existir, porém os benefícios são muito maiores do que aqueles que pode parecer negativo: a interferência vai permitir aos surdos construir sentenças com o número e a natureza de constituintes necessários requeridos pelo verbo... O conhecimento dos 'complementos' exigidos por esses verbos em LIBRAS não permitirá esse tipo de erro e, justamente por isso, os textos escritos, produzidos por surdos competentes em LIBRAS, são coerentes, veiculam conteúdo semântico compreensível, a despeito de problemas no uso das palavras funcionais, das flexões e concordâncias. (ALFABETIZAÇÃO NA SURDEZ, 2020, p.60)

Visto que a forma como se alfabetiza uma criança ouvinte da forma tradicional como “manda” o currículo, em contrapartida de uma criança surda é nítido a diferença de metodologias que devem ser postas em prática, buscar sempre o visual para se familiarizar com as letras do alfabeto, depois as sílabas, as palavras e depois compreender como é a forma correta de formular uma frase, para assim conseguir escrever um texto dentro das normas da língua portuguesa. É fundamental compreender a forma de como mediar as aulas para que problemas como esse que Felipe (1997) afirma não aconteçam:

[...] o ensino da língua portuguesa para crianças surdas, principalmente em escolas regulares, não tem considerado este fato e as crianças surdas, inseridas em classes de crianças ouvintes recebem o mesmo tipo de atividade como se já tivessem adquirido esta língua naturalmente e tivessem o mesmo desempenho das ouvintes. (Felipe, 1997, p. 41).

Para chegar a esse “ideal” o percurso é árduo e cheio de adaptações necessárias, geralmente no início da alfabetização são feitas leituras de histórias infantis, onde é declamada com entonação de voz para exaltar alguma cena da história, já para o surdo o espacial é importante para compreensão do texto, como também as expressões faciais e gestuais, sendo assim útil e indispensável. Toda e qualquer criança é chamada atenção através de imagens, desenhos e também as cores, então para o surdo o uso de atividades com ilustrações surtirá um efeito positivo, conseguindo “prender” a atenção de todos os alunos sem fazer distinção entre eles.

O processo de alfabetização de crianças surdas engloba diversas possibilidades de ensino aprendizagem, usando materiais de apoio para fácil compreensão e reprodução daquilo que está sendo ensinado, uma proposta interessante é que o no currículo escolar esteja presente a cultura surda, que por vezes não é trabalhada em sala de aula e o aluno acaba não se sentindo parte daquele espaço. Segundo Skliar e Perlin “Se a base da cultura surda não estiver presente no currículo, dificilmente o sujeito surdo irá percorrer a trajetória de sua nova ordem, que será oferecida na pista das representações inerentes às manifestações culturais”. (Skliar, 2000 e Perlin, p. 23).

Com base no que Skliar e Perlin (2000) nos trazem pode-se imaginar como a cultura surda manifesta interesse e representatividade para crianças surdas, é ver e ter experiências visuais daquilo que é possível através do que as pessoas surdas vivenciaram. Então, em sala de aula é importante o professor se atentar a essas questões, trazendo exemplos de pessoas surdas através de literaturas produzidas em libras, artes visuais, atletas surdos do esporte, entre tantos outros exemplos que às vezes são esquecidos e a criança acaba não se sentindo representada em nenhum aspecto seja na escola ou fora dela.

Essa é uma possibilidade que é fácil de ser inserida no cotidiano escolar, adaptações simples que podem transparecer reconhecimento e interesse por parte do aluno. Sabe-se que o peso da alfabetização sempre se volta sobre as metodologias utilizadas pelos professores, no entanto quando se tem uma turma com diversos alunos, o leque de metodologias tem que ser extenso, porém quando a escola não dá suporte para o docente todo esse processo torna-se difícil de pôr em prática, a sobrecarga afeta consideravelmente o desempenho do mesmo, sendo esta uma dificuldade bem comum nas escolas públicas do Brasil.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo “ a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (Minayo, 1994, p.9-29). A motivação da escolha desta abordagem é justamente por não se tratar apenas de números, mas sim, compreender a perspectiva de professores(as) durante a alfabetização, sendo possível entender a singularidade e a igualdade no cotidiano dos mesmos, relacionando com os desafios encontrados em meio a esta mediação, sendo ela uma pesquisa de campo realizada no município de Caruaru-PE.

O instrumento de coleta de dados usado foi um questionário (se encontra no apêndice), que segundo Gil “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc, para analisar os dados coletados”. (Gil, 1999, p.128). O mesmo contém 10 perguntas, todas elas são abertas para dar mais autonomia para o professor em suas respostas, a elaboração da mesma teve o intuito de investigar quais os desafios encontrados no cotidiano escolar do docente no alfabetizar crianças surdas, esse questionário foi formulado para compreender as metodologias usadas, a didática, as principais diferenças no ensino de alunos surdos e os desafios enfrentados pelos professores.

O instrumento foi aplicado com 3 professores(as) de 3 escolas diferentes, sendo dois do Atendimento Educacional Especializado (AEE) um deles é surdo e outro ouvinte e outra professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no fundamental I/etapa I, todos do município de Caruaru-PE no ano de 2024. Para aplicação desse questionário houve uma conversa antes sobre o que iria ser abordado, onde foi realizado com ética e consentimento dos(as) participantes, respeitando suas identidades mantendo-as em sigilo, observando as informações coletadas. Os docentes responderam o questionário através do google forms e após a coleta de dados, as informações foram digitalizadas, depois transcritas todas as respostas mantendo o sigilo da identificação de cada participante substituindo o nome pessoal para professor 1,2 e 3.

Os conceitos analisados foram o contexto histórico da surdez e seus avanços educacionais, recursos visuais, as estratégias de alfabetização de surdos e cultura como forma de aprendizagem. Os principais autores que contribuíram para esse trabalho foram: Strobel,

2009 que vem detalhando em ordem cronológica a história da educação dos surdos, Gesuely e Moura, 2006 que trás uma ideia do uso dos recursos visuais que podem auxiliar a alfabetização dos alunos surdos, Skliar e Perlin, 2000 que nos trazem as possibilidades que a cultura surda manifesta o interesse e também a representatividade para crianças surdas e por último foi utilizado um livro de um curso de alfabetização de surdos, Alfabetização na Surdez, 2020 que detalha como deve acontecer esse ensino, as abordagens desde a educação básica até o superior.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para obter esses resultados foi construída indagações que foram surgindo ao longo da pesquisa, sendo elas através dos teóricos usados, também como é a realidade das escolas públicas e principalmente os desafios que são encontrados no cotidiano dos professores. O questionário trouxe um pouco daquilo que é vivenciado na sala de aula e também nas salas de AEE, contando com intérpretes de Libras.

De início foi realizado um levantamento do quantitativo de alunos surdos nas três escolas em que os professores que participaram da pesquisa trabalham, a média foi de 7 até 10 alunos, observando essa quantia é possível identificar que poucos alunos surdos estão tendo acesso a escola pública, visto que há 18.900 pessoas surdas no município de Caruaru-PE. Deve ser levado em conta o acesso a escola que a família dessas pessoas tem, podendo esses alunos estarem inseridos em um escola que não tem suporte para alfabetizar o surdo, sendo possível está matriculado, mas não ter acesso a Libras.

No questionário foi perguntado sobre avaliação inicial, visto que vários docentes realizam uma sondagem em sala, mesmo que não tenham alunos surdos, para saber o nível em que estão e a partir daí usar metodologias que se adequem a realidade daqueles alunos, então foi constatado que dois docentes a realizam, sendo elas:

Prof.1- Sim, faço uma avaliação diagnóstica.
Prof.2- Sim, Avaliação em Libras
Prof.3- Não

Os professores 1 e 2 fazem uma avaliação inicial a diferença do Prof.2 se dá justamente por ele ser surdo, consequentemente sua avaliação é em Libras e o comum entre eles é que os dois fazem parte da sala de AEE, em contrapartida a Prof.3 respondeu que não faz avaliação inicial, dando a entender que se é realizada é por parte do intérprete que a auxilia em sala. Visto isso é importante reconhecer a realidade de cada escola e também de cada professor, podendo observar que o contexto transforma os métodos de ensino, adequando ao real vivenciado no ambiente escolar.

Ao ingressar na escola a inclusão é muito questionada, sendo ela de suma importância para permanência do aluno. Voltando ao contexto que Mantoan nos traz sobre inclusão e integração: "...‘Integração’ corresponde a inserir o aluno que já foi excluído anteriormente,

enquanto que, a ‘inclusão’ têm objetivos opostos, é não deixar ninguém de fora do ensino regular.” (Mantoan, 2006, p. 19), a resposta dos três foram essas:

- Prof.1- Tranquila. Os estudantes, de uma forma geral, são acolhedores.
 Prof.2- Têm uma interação com todos.
 Prof.3- A integração é normal. Mas na maioria das vezes se comunicam entre si.

Podemos ver que essa integração social ocorre de forma leve fazendo com que os alunos surdos não fiquem excluídos, havendo uma interação por parte dos colegas de classe. Isso também se deve ao fato do posicionamento do docente em sala, fazer com que os alunos interajam entre si sem distinção de ninguém sejam quais forem as “diferenças” e no caso de aluno surdo raramente algum colega sabe se comunicar com o mesmo, por isso que deve ser instigado esse contato e a comunicação por sinais, mesmo que tenham pouco conhecimento sobre a Libras um sinal aprendido será um ganho na comunicação.

Ao investigar sobre as estratégias usadas no cotidiano escolar foi possível fazer a ligação do ideal de alfabetização em língua portuguesa de Freitas: “...alfabetizadores precisam ter a clareza de que a língua portuguesa não é a língua de referência para a construção do conhecimento de mundo e de organização do pensamento do aluno surdo, mas sim a Libras.” (Freitas, 2020, p.8).

- Prof.1- Na Sala de Recursos, o estudante é atendido de forma individual.
 Prof.2- Sempre tem um intérprete de Libras na sala de aula, onde facilita a comunicação do surdo e garante sua participação nas aulas. Os professores também levam atividades adaptadas.
 Prof.3- Atividades com recursos visuais/ Trabalhos lúdicos

Com essas respostas podemos ver que o auxílio do intérprete é indispensável seja nas salas de AEE ou então na sala de aula juntamente com o professor, garantindo a familiarização dos alunos surdos através das estratégias e adaptações feitas. Isto reflete no que é possível fazer dentro da realidade da escola pública em que estão inseridos, os suportes oferecidos são estes:

- Prof.1- Na Sala de Recursos, utilizamos materiais pedagógicos diversificados
 Prof.2- Sala de AEE, Jogos e Intérprete de Libras.
 Prof.3- São os intérpretes de libras nas salas de aula.

Observando esses suportes percebe-se que as tecnologias não estão presentes, ou se estão não foram mencionadas por nenhum dos professores, sendo possível realizar a alfabetização com os recursos visuais não tecnológicos que são uma ótima opção e quase única, pois a realidade das escolas públicas muitas vezes é essa, tendo o acesso às tecnologias

tardia ou mínima. Então, é indispensável essas adaptações que os professores conseguem dentro da sua realidade, pois o surdo é visual sendo instigado através daquilo que é visto por cada qual. As adaptações feitas pelos professores para alfabetização são:

Prof.1- Na Sala de Recursos, trabalhamos a L1 e L2, simultaneamente.
 Prof.2- Recursos visuais e intérprete de Libras.
 Prof.3- A interpretação em libras

No processo de alfabetização a grande diferença são os recursos visuais juntamente com a comunicação em Libras, podendo identificar que os Prof.1,2 e 3 concordam entre si. Através dessas respostas é notório a importância do intérprete em sala, porém isto não anula a comunicação de professor/aluno, sendo assim a busca por aprendizado em Libras deve ser constante, unindo o suporte do intérprete com o conhecimento de sinais básicos para ser usado no dia a dia em sala.

As abordagens metodológicas para haver a alfabetização em língua portuguesa devem partir de olhar sobre as diferenças e particularidades dos alunos, apoiando-se no que Colacique e Amaral, 2020 trás: “A adoção de uma pedagogia que considere as diferenças e leve em conta a realidade brasileira de diversidade” (Colacique e Amaral, 2020, p.11).

Prof.1- Na Sala de Recursos, trabalhamos com POTENCIALIDADES. Sempre partindo da Libras. Mas, como disse anteriormente, trabalhamos simultaneamente com L1 e L2. Nesse contexto, a zona de desenvolvimento proximal se faz necessária para evolução do processo de ensino/aprendizagem.
 Prof.2- Tradutor Intérprete de Libras, Atendimento Educacional Especializado - AEE acontece uma ação conjunta para que aconteça essa alfabetização.
 Prof.3- As atividades com cartazes, material concreto, tipo alfabeto móvel, material dourado etc.

Nas adaptações das atividades é possível observar a preocupação da Prof.3 sendo ela a única que não tem especialidade em Libras e conta com o intérprete em sala, então aquilo que está ao alcance ela faz para que a mesma não se prenda apenas no que o intérprete faz em sala, ministrando a aula para todos de forma igual com materiais visuais que “prendem” a atenção do surdo e também do ouvinte. Por meio disto o ideal para Colacique e Amaral, 2020 é posto em prática, compreendendo as diferenças e particularidades de cada qual buscando igualdade educacional.

Buscar compreender o outro é nobre e deve partir do interesse do docente e para alfabetizar em português um aluno surdo existem diferenças, podemos ver o que Fernandes, 2006 nos trás sobre isto: “A língua escrita pode ser plenamente adquirida pelos surdos se a metodologia empregada não enfatizar a relação letra-som como pré-requisito, mas recorrer,

principalmente, a estratégias visuais...” (Fernandes, 2006, p. 132). Ao perguntar aos professores sobre essas diferenças os mesmos responderam:

Prof.1- A Libras é uma língua visual. Diferentemente do português, ela é pautada por parâmetros, imprescindíveis, à realização da aquisição da língua.

Prof.2- Existem muitas percas principalmente se desde cedo a criança não tiver um acompanhamento adequado.

Prof.3- A maior diferença na questão de alfabetização são os sons das letras, ou seja, o fonema. Para um surdo separar as sílabas de uma palavra por exemplo, é muito complicado. Quanto aos ouvintes basta ouvi-las.

As respostas foram consistentes sobre o visual, visto que o Prof.2 trás consigo um desafio que é encontrado no cotidiano escolar fazendo voltar aos pensamentos descritos durante todo o processo de pesquisa sobre a importância do aluno ter acesso a educação e principalmente da L1, para que a L2 possa ser ensinada de forma correta e através de metodologias visuais que instiguem e os façam compreender com mais facilidade, apesar de ter grande diferença entre as duas línguas.

Partindo de fato para o questionamento sobre os desafios que os docentes encontram no cotidiano escolar, essas foram as respostas:

Prof.1- Acompanhamento da família, nesse processo de aquisição da língua.

Prof.2- O apoio da família que na maioria das vezes não sabe se comunicar em Libras. Pois a família tendo essa comunicação em Libras desde cedo facilitaria a alfabetização e aprendizagem do mesmo. O surdo se sentiria incluído e com mais entusiasmo para aprender.

Prof.3- A formação em libras. Pois a escola do governo proporciona aos professores o curso de libras. Porém não acontece por não formar turmas.

É nítido a diferença entre os Prof.1, Prof.2 para a Prof.3 pelo fato que a mesma não domina a Libras então o grande desafio para ela é a falta de comunicação com seus alunos surdos, sendo possível apenas quando o intérprete está presente, ela também relata sobre a formação que não é realizada, visto que não acontece devido a falta de interesse de outros professores, fazendo com que o quantitativo esperado para formação de turma nunca é alcançado, prejudicando não só o professor que tem alunos surdos, mas principalmente esses alunos que se não tiverem o suporte do intérprete em sala ficam sem compreender corretamente o assunto passado.

Já os Prof.1 e Prof.2 que trabalham nas salas de AEE e dominam a Libras o olhar deles vão além do acadêmico, os dois trouxeram para a discussão a questão familiar que muitas vezes não é presente, não se tem o interesse de aprender Libras para facilitar essa comunicação e também aprendizagem desses alunos, uma vez que essa é a realidade de muitas crianças.

Dentro deste questionamento levantado está o ensino Bilíngue que é usado por algumas instituições, de acordo com Quadros, 2006: “Educação bilíngue envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional.” (Quadros, 2006, p. 18). No entanto o grande desafio em pôr em prática esse ensino é justamente por existir essa falta de participação familiar, pois o aluno terá o contato com a L1 juntamente com a L2, mas em sua casa onde o mesmo passa a maior parte do tempo a família não sabe se comunicar em Libras, usando apenas “mímica” ou “gestos”, acaba transformando esse ensino confuso e lento para o aluno.

Pensando nesses desafios que são enfrentados no dia a dia dos docentes foi perguntado sobre as possibilidades que os professores acham para minimizar aquilo que tardia o ensino, os mesmos responderam:

Prof.1- Parceria e comprometimento da família do estudante com a escola.

Prof.2- Desde que o aluno surdo entre na escola que haja um Intérprete de Libras o auxiliando na aprendizagem.

Prof.3- Acredito que o professor deve ter a sensibilidade de preparar suas aulas pensando não apenas nos ouvintes, mas também nos surdos.

Com essas respostas nota-se que o Prof.1 continua indagar sobre o interesse familiar, nos fazendo refletir sobre essa parceria que deveria ser mútua em prol de ensino de qualidade. Já o Prof.2 apoiou-se em um viés do intérprete de Libras sabendo da sua importância e necessidade em uma sala de aula, esta ideia pode ter vindo de experiências pessoais já que o mesmo é surdo, então pode ter feito essa ligação entre o que passou como aluno e os desafios que encontra sendo professor. E a Prof.3 tem o discurso da sensibilidade sendo possível enxergar sua preocupação em atender as necessidades dos seus alunos surdos, tendo em vista que faz aquilo que consegue para alfabetizar a todos.

Através destas observações é possível ver o interesse da Prof.3 em adaptar suas aulas para atender as necessidades dos alunos surdos, buscando formas e usando os recursos que são possíveis dentro do ambiente escolar que em está inserida, como também é notório o cuidado dos Prof.1 e Prof.2 em continuar essa alfabetização nas salas de AEE, oferecendo suporte não só para o professor regente de uma turma, fazendo esse trabalho de perpetuar aquilo que é visto em sala, mas principalmente em auxiliar os alunos surdos usando os recursos oferecidos contribuindo para uma educação de todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização dos alunos surdos é uma temática que deve ser instigada e pesquisada cada vez mais, para que outros professores possam ter esse olhar para alunos surdos que por vezes são “esquecidos” na sala de aula, sendo só mais um naquele lugar. A escola tem que ser um espaço que “abraça” toda e qualquer criança, por isso é indispensável que os componentes escolares estejam preparados para recebê-los.

Voltando esse olhar para as escolas públicas de Caruaru-PE em que a pesquisa foi realizada, foi possível identificar o direito à educação nº 13.146 garantido, visto que os alunos têm acesso a intérpretes em sala de aula como também salas de AEE podendo complementar, auxiliar e desenvolver ainda mais os alunos surdos. No entanto, foi levantado pelos Prof.1 e Prof.2 que um dos problemas nesse desenvolvimento é a participação familiar, sendo crucial durante o processo de alfabetização, podendo refletir se em casos isolados esse não seria o grande problema na evolução do aluno.

Os professores contribuíram compartilhando suas adaptações metodológicas usadas no dia a dia, contando com os recursos disponíveis na escola, usando sempre que possível materiais visuais e também concreto para melhor ensino/aprendizagem. Dado que essa responsabilidade recai sempre sobre o professor em se desdobrar para atender a todos, por esse motivo é necessário que a escola disponha de recursos para facilitar essa alfabetização e que contemple a todos.

No decorrer da pesquisa foi concebível identificar que um dos principais desafios encontrados no alfabetizar crianças surdas é justamente essa falta de participação familiar, como foi mencionado anteriormente, de acordo com essa constatação é presumível que se os familiares estivessem presentes através de ações participativas e também dominando a Libras o aprendizado e a alfabetização em língua portuguesa seria bem mais rápida, visto que contaria com o apoio não só na escola mas também dentro da sua casa.

Durante a pesquisa foi levantada a hipótese de que um dos maiores desafios da alfabetização seria justamente: A falta de domínio da Libras por parte dos professores. Essa hipótese foi contemplada pois a Prof.3 é a única que não domina a Libras, a mesma contou como é desafiador alfabetizar uma criança surda já que não consegue se comunicar sem ajuda de um intérprete.

Observando esses resultados foi permissível enxergar formas de minimizar esses desafios encontrados ao longo da caminhada educacional, contando com: parceria entre escola e família, se possível por parte do professor buscar formações continuadas e especialização em Libras visto que, é necessário saber o básico para atender aquele aluno surdo caso a escola não disponibilize intérpretes em sala. Por parte da escola deveria-se promover essas formações sem quantitativo mínimo, pois o que deve importar é justamente o aluno surdo que necessita de um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. L. **O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30-57, 2015. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6033>.
- BERSCH, Rita. Introdução à tecnologia assistiva. **Porto Alegre: CEDI**, v. 21, 2008.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei n. 10.098**, de 19 de dezembro de 2000, normas e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou mobilidade reduzida. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 12 setembro de 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei N. 9.394/1996. LDB: leis de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Senado Federal, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 13.146**, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF.
- BRASIL. O Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa/ Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – MEC; SEESP, 2004.
- CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente.** Ilhéus: Ed. Editus, p. 11-26, 2015.
- COLACIQUE, Rachel Capucho; AMARAL, Mirian Maia. Pedagogia surda e visualidades: rastros culturais imagéticos indicadores de aprendizagem na cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 1, p. 142-173, 2020.
- Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- FERNANDES, S. Letramento na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C. M; MASSI, G. (orgs.). **Letramento: referências sem saúde e educação.** São Paulo: Plexus, 2006.
- FELIPE, T. A. Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos. Rio de Janeiro: **Revista Espaço – INES**, 1997. p. 41-46, Vol. 7.
- FREITAS, Isaac Figueredo de. Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.
- FERREIRO, E., & TEBEROSKI, A. (1989). **Psicogênese da língua escrita.** Artmed: Porto Alegre-RS.
- FREIRE, Paulo. **Não há docência sem discência.** 2005.

GESUELI, Z. M.; MOURA, L. Letramento e surdez: a visualização das palavras. **Etd - Educação Temática Digital**, 13 nov. 2008, [s.l.], v. 7, nº 2, p.110-122. Universidade Estadual de Campinas. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v7i2.796>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**, p. 1-13, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010: Amostra de Pessoas com Deficiência. Picos-PI: Censo demográfico 2010.

LAGE, A. L. S. et al. Método fônico e medicalização: pela heterogeneidade dos surdos e da educação. **Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n. 15, p. 79-105, set./dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/42941>.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

LEITE, N. V. de A. O que é língua materna? In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Campinas, p. 65-68, 1995.

MANTOAN, M. T. **Ensino inclusivo/educação (de qualidade) para todos**. Integração, SEESP/MEC, p. 29-32, 1998.

MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 21, p. 9-29, 1994.

PEDAGOGIA, educare. **ALFABETIZAÇÃO NA SURDEZ**. 2020. Disponível em: <https://educarepedagogia.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Alfabetizacao-na-Surdez-1.pdf>. Acesso em: 29 de julho de 2024.

PERLIN, G.. Identidade Surda e Currículo In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Org.) **Surdez**: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise. 2000.

PERLIN, G.; STRÖBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: http://www.LIBRAS.ufsc.br/colecaoLetrasLIBRAS/eixo Formacao Especifica/fundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXT0_BASE-fundamentos Educ _Surdos.pdf.

QUADRO, R. M & Schmiedt, M. L.P. (2006). **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Acesso 19 fev 2019 em twixar.me/bQhn.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

SILVA, Patricia Roberta Da *et al.*. **Bilinguismo**: uma proposta de ensino para surdos. Anais do IV CINTEDI 2021... Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SKLIAR, C. (Org.) Estudos surdos e estudos culturais em educação. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.) **Surdez**: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000.

STOCK, Irene Mullerleily. **Língua Brasileira de Sinais**. 8 out. 2018. Unicentro, Paraná. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/1060>.

STROBEL, Karin. História da educação de surdos. **Florianópolis: UFSC**, 2009.

APÊNDICE

Questionário de pesquisa:

- 1- Quantos alunos surdos estão inseridos na escola em que você trabalha atualmente?
- 2- É realizada alguma avaliação inicial quando o aluno surdo ingressa na escola? Se sim, qual é o tipo de avaliação?
- 3- Como é a integração social de alunos surdos no espaço escolar?
- 4- Quais estratégias são utilizadas para garantir a participação dos alunos surdos em atividades coletivas na sala de aula?
- 5- Qual é o suporte oferecido pela escola para o processo de alfabetização de alunos surdos?
- 6- Quais são as adaptações usadas no processo de alfabetização dos alunos surdos?
- 7- Quais as principais abordagens metodológicas realizadas para a alfabetização da Língua Portuguesa em alunos surdos?
- 8- Quais são as principais diferenças que você observa no processo de ensino/aprendizagem de alunos surdos em comparação com os ouvintes?
- 9- Quais os principais desafios encontrados pelo docente no alfabetizar alunos surdos?
- 10- Quais as possibilidades de minimizar esses desafios encontrados no alfabetizar alunos surdos?

ANEXO

Respostas do Questionário:

Professora 1:

- 1- 9 alunos
- 2- Sou professora do atendimento educacional especializado. Sim, faço uma avaliação diagnóstica.
- 3- Tranquila. Os estudantes, de uma forma geral, são acolhedores.
- 4- Na Sala de Recursos, o estudante é atendido de forma individual.
- 5- Na Sala de Recursos, utilizamos materiais pedagógicos diversificados.
- 6- Na Sala de Recursos, trabalhamos a L1 e L2, simultaneamente.
- 7- Na Sala de Recursos, trabalhamos com POTENCIALIDADES. Sempre partindo da Libras. Mas, como disse anteriormente, trabalhamos simultaneamente com L1 e L2. Nesse contexto, a zona de desenvolvimento proximal se faz necessária para evolução do processo de ensino/aprendizagem.
- 8-A Libras é uma língua visual. Diferentemente do português, ela é pautada por parâmetros, imprescindíveis, à realização da aquisição da língua.
- 9- Acompanhamento da família, nesse processo de aquisição da língua.
- 10- Parceria e comprometimento da família do estudante com a escola.

Professor 2:

- 1- 10 alunos surdos na escola
- 2- Sim, Avaliação em Libras.
- 3- Têm uma interação com todos.
- 4- Sempre tem um intérprete de Libras na sala de aula, onde facilita a comunicação do surdo e garante sua participação nas aulas. Os professores também levam atividades adaptadas.
- 5- Sala de AEE, Jogos e Intérprete de Libras.
- 6- Recursos visuais e intérprete de Libras.
- 7- Tradutor Intérprete de Libras, Atendimento Educacional Especializado - AEE acontece uma ação conjunta para que aconteça essa alfabetização.

- 8- Existem muitas percas principalmente se desde cedo a criança não tiver um acompanhamento adequado.
- 9- O apoio da família que na maioria das vezes não sabe se comunicar em Libras. Pois a família tendo essa comunicação em Libras desde cedo facilitaria a alfabetização e aprendizagem do mesmo. O surdo se sentiria incluído e com mais entusiasmo para aprender.
- 10- Desde que o aluno surdo entre na escola que haja um Intérprete de Libras o auxiliando na aprendizagem.

Professora 3:

- 1- 7 alunos surdos
- 2- Não
- 3- A integração é normal. Mas na maioria das vezes se comunicam entre si.
- 4- Atividades com recursos visuais/ Trabalhos lúdicos
- 5- São os intérpretes de libras nas salas de aula.
- 6- A interpretação em libras
- 7- As atividades com cartazes, material concreto, tipo alfabeto móvel, material dourado etc.
- 8- A maior diferença na questão de alfabetização são os sons das letras, ou seja, o fonema. Para um surdo separar as sílabas de uma palavra por exemplo, é muito complicado. Quanto aos ouvintes basta ouvi-las.
- 9- A formação em libras. Pois a escola do governo proporciona aos professores o curso de libras. Porém não acontece por não formar turmas.
- 10- Acredito que o professor deve ter a sensibilidade de preparar suas aulas pensando não apenas nos ouvintes, mas também nos surdos.